

# O Antropoceno é uma outra Coisa/ Outra coisa:

## uma abordagem semiótico-psicanalítica

Adriano Messias<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto aborda o Antropoceno a partir de uma visão semiótico-psicanalítica, que busca o que está além de estatísticas e números. O autor se alia ações micro a ações macro a fim de se dar conta do incomensurável impacto negativo do humano na Terra. Trata-se de uma abordagem que se volta tanto ao “subterrâneo da cultura” quanto aos “subterrâneos do ser”, já que os problemas climáticos, por exemplo, são apenas parte do que chamo de “antropoviolações”. Única espécie falante do planeta no sentido laciano, somos atravessados pelas pulsões, as quais nos conduziram a um “ponto de não retorno”: não é mais possível resolver ou atenuar muitas das alterações antropocêntricas no mundo. No cerne deste imbróglio, um ponto frágil: a responsabilização de cada um. Neste sentido, há algo no Antropoceno que diz respeito a um não querer saber – provavelmente ligado à finitude das coisas e dos seres.

**Palavras-chave:** Antropoceno. Semiótica. Psicanálise. Tanatopolítica. Antropotecnias.

---

<sup>1</sup> Adriano Messias tem pós-doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-Fapesp) com dois estágios de pesquisa na Universitat Autònoma de Barcelona. É doutor em Comunicação e Semiótica, ganhou o prêmio Jabuti com “Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura” e possui mais de 120 obras publicadas em ficção e não ficção. ORCID: [orcid.org/0000-0002-3161-7324](https://orcid.org/0000-0002-3161-7324). E-mail: [adrianoescritor@yahoo.com.br](mailto:adrianoescritor@yahoo.com.br).

## **The Anthropocene is another Thing/Other thing: a semiotic-psychoanalytic approach**

**Abstract:** This paper approaches the Anthropocene from a psychoanalytic and semiotic point of view beyond statistics and figures. It proposes to combine micro-actions with macro-actions in order to handle the immeasurable negative impacts of the human on Earth. It is a perspective that turns both to the “underground of culture” and to the “underground of being” since climate problems, for example, are just part of what this paper defines as “anthropoviolations”. As the only “speaking species” on the planet, in the Lacanian sense, we are permanently determined by drives, which lead us to a “point of no return”: it is no longer possible to solve or mitigate many of the anthropocentric changes in the world. At the heart of this imbroglio there is a weak point: the responsibility of each individual. In this sense, there is something in the Anthropocene that concerns something we do not want to know about – probably linked to the finitude of things and beings.

**Keywords:** Anthropocene. Semiotics. Psychoanalysis. Thanatopolitics. Anthropotechnics.

*Não amadureci ainda bastante  
para aceitar a morte das coisas  
que minhas coisas são, sendo de outrem,  
e até aplaudi-la, quando for o caso.*

Carlos Drummond de Andrade

## **A Era dos Humanos**

A provocação no título deste texto – “O Antropoceno é uma outra Coisa/ Outra coisa” – reflete um posicionamento teórico diferente do geológico ou do biológico, a fim de se discorrer sobre os complexos fenômenos propiciadores da “Era do Humano”. Busco o que está alheio às estatísticas e aos números; e, talvez, até mesmo o que vai submerso a eles. Centenas de pesquisas em universidades mundo afora demonstram que o planeta não tem melhoras previstas em curto, médio ou longo prazos. “Emergência climática” foi a expressão do ano de 2019, segundo o dicionário Oxford. Entretanto, não se deve aqui ler nenhum convite à inação; pelo contrário, a situação em que colocamos o planeta nos impele a uma responsabilização rumo a amenizar os impactos colossais que decaem sobre nossa espécie e bilhões de outras. É que o tempo da esperança já se esgotou: para isso, basta ler artigos das mais conceituadas revistas científicas sobre o que nos aguarda. Parece que a civilização, no atual estágio, se evidencia como criação do *Homo sapiens* que caminha para uma fase terminal mais rapidamente do que se esperava. Porém, os que permanecerão na Terra por mais algum tempo merecem algum conforto.

Quanto de nossa espécie restarão daqui a 300 anos não sabemos, mas as previsões calcadas no que já se impõe como desastres e catástrofes de toda ordem são desanimadoras: de 1,5°C, a temperatura até o final do século terá subido pelo menos 3°C, por isso, falar em recuperação de nosso orbe é um cinismo demagógico anteparado por uma retórica tecida em contorcionismos. Uma tal narrativa também é responsabilidade das academias científicas e dos veículos da mídia, muitos dos quais insistem na tricotagem colorida de pseudosoluções, em vez de explicitarem a grande e horrenda tela escura que se estenderá no mural planetário daqui para frente, e cada vez mais.

Esta incompreensão do Antropoceno é, por si só, sintoma do qual faz parte um não querer saber. Por isso, estou menos preocupado se os geólogos finalmente vão aceitar ou não o Antropoceno como a Era posterior ao Holoceno do que com a força que este significante representa para nós.

É que o Antropoceno aponta a hiância do ser. Assinala o limite e a castração que não chegaram a tempo. Funciona como um iceberg que corta a epiderme da topologia à qual Lacan circunscreveu brilhantemente o sujeito. Rasga algo da estrutura da cultura para dizer de sua presença, mas, ainda assim, é ignorado, rodeado, postergado. Exemplo disso é a falência do Acordo de Paris de 2015, cada vez mais desrespeitado se considerarmos que as proposições em relação ao clima não têm avançado. É como se os governos tivessem feito um distrato antes mesmo de as cláusulas começarem a entrar em vigor.

Trago, assim, uma reflexão incômoda. Entretanto, ela não começou comigo, mas tem feito parte de nossa espécie há muito tempo. Nos últimos anos, porém, ganhou a força de um *impasse*, e deixo a palavra em itálico porque está na acepção imediata da língua francesa: ‘rua sem saída’, ‘beco’ e, conseqüentemente, ‘algo sem solução’. A humanidade caminha rumo à desconstrução insistente e paulatina do processo civilizatório por ela mesma engendrado (ZALASIEWICZ, 2009, 2012; DAVIES, 2019; WALLACE-WELLS, 2019; RAPLEY; MACMILLAN, 2015; REES, 2005, 2018; CRUTZEN; SCHWÄGERL, 2018).

Por que trato o Antropoceno como outra Coisa? Ou também como Outra coisa? Porque não é fácil dar-se conta de um tamanho *impasse* que diz de algo que não está apenas em si mesmo – claro, o Antropoceno tem uma carga de real insuportável –, mas, ao mesmo tempo, aponta para o(O)utra C(c)oisas – neologismo encavalado que criei, com ancoragem à psicanálise.

Daí advém ser muito fácil refugiar-se nos insuportáveis programas televisivos que nos incitam alegremente à reciclagem, à recuperação, às “novas soluções”, ao marketing verde – como se apenas isso nos bastasse –, em vez de se optar pela constatação de que algo saiu errado – e muito errado – na civilização. Algo escapou à empáfia humana de a tudo controlar: nunca a pulsão de morte se fez tão evidente como agora, em que rastejamos imersos na Coisa antropocênica. Uma Coisa obscena e que, paradoxalmente, nos coloca em cena.

Antropocenas.

Um exemplo do que se trata aqui é o do sagrado rio Ganges, um dos cursos fluviais mais poluídos do mundo: nele, são depositados diariamente os dejetos de mais de 400 milhões de pessoas que moram às suas margens, quase o dobro da população brasileira. Em contrapartida, outro rio indiano, o Chambal, devido a uma lenda que torna amaldiçoado todo aquele que beba de suas águas, permanece como paraíso intocado há muitos séculos. A dupla face de uma visão cultural do mundo se interpõe entre a destruição e a preservação.

E por que somos uma espécie tão renitente?

Ao pensar este texto, veio-me de imediato uma das conversas de Jacques Lacan no início dos anos de 1970 na capela do Hospital Sainte-Anne, em Paris, em que ele declarou a seu público: “Estou falando com a capela, quer dizer, com as paredes” (LACAN, 2011, p. 79). E adiante: “E as paredes, [...] elas são feitas para circundar um vazio” (ibid., p. 80). Milhares de pesquisadores no mundo todo falamos às paredes quando dizemos que não há como contornar esse vazio que sempre esteve presente na estrutura como parte do topos do sujeito e que agora nos mira como Argos Panoptes. O Antropoceno é o maior monstro criado por nossa espécie. É o ápice da irresponsabilidade e do egoísmo.

É claro que Lacan seguiu por um caminho paralelo ao que aqui trago para tratar do vazio que se circunscreve entre muros, mas há um diálogo possível quando se lê: “É patente que as paredes, isso me faz gozar. E é nisso que vocês todos gozam, cada um de vocês, por participação. [...] E pensem bem, suponham que Platão tivesse sido estruturalista: ele teria percebido o que se dá realmente com a caverna, ou seja, que, sem dúvida, foi nela que nasceu a linguagem” (ibid., p. 82).

Ora, da caverna da alegoria platônica podemos alçar à caverna do palato, de onde também reverbera e ricocheteia a repetição sintomática. Somos seres de linguagem, nela nos perdemos, e com ela parece que chegaremos a um desfecho muito mais rápido do que se estimava há algumas décadas.

Lacan, naquela conversação em Paris, dizia que suas próprias palavras a ele voltavam como voz pregando no deserto. Daí, aludo também à bela metáfora medieval antonina do sermão aos peixes: os humanos dando as costas ao interlocutor que lhes fazia admoestações como em um gesto de “não é comigo, não me diz respeito, não quero ter nada com isso” (ibid.).

Ao que em minha perspectiva sobre o Antropoceno denomino de “homem modesto” (MESSIAS, 2019b), Isabelle Stengers chamou de homem que “vive em suspenso” (2013, p. 18) e Jonathan Crary nomeou de “sujeito obediente” (2016, p. 13). Estamos vivendo sob os riscos dos apelos do senso comum: “calma, o mundo vai melhorar, tenhamos esperança, não é bem assim”. Mas, se há senso, não há comum, conforme afirmou Lacan, uma vez que cada qual entende uma mensagem de maneira bem particular (cf. LACAN, 2011, p. 85) – e aí se localiza também o impossível da comunicação humana. Por isso, repito: o Antropoceno é uma outra Coisa/ Outra coisa.

Nos próximos séculos, se as perturbações propiciadas pelos humanos no planeta não forem desaceleradas drasticamente, há uma grande probabilidade de que 75% das espécies venham a ser extintas, entre elas, a nossa de acordo estudos. Uma das consequências dos abusos do *Homo sapiens* são os plastiglomerados – proeminentes marcadores antropocênicos (DUNLAP *et al.*, 1999; RUDDIMAN; THOMSON, 2001; CORCORAN *et al.*, 2015) –, descobertos apenas em 2006. Eles são o resultado de plásticos fundidos e mesclados com areia, pedregulhos, conchas, madeira etc., que se encontram espalhados em partículas, sobretudo no fundo dos oceanos. Representam desde já detritos que deixaremos para o futuro – caso venha a existir alguma civilização para investigá-los.

Não é possível darmos conta dos catastrofismos que já se fazem no planeta sem o suporte de uma teoria que vise à complexidade: cada problema é multifacetado e, ao mesmo tempo, de outra ordem. No caso exemplificado no parágrafo anterior, já não se trata apenas de objetos plásticos visíveis a olho nu e facilmente reconhecidos, como uma garrafa ou uma sacolinha de supermercado boiando no Tietê, mas, sim, de componentes mais densos do que a areia e que podem se abrigar abaixo dos estratos oceânicos, tornando-se, assim, muito mais difíceis de se desfazer do que um canudinho de refrigerante – estes últimos, por sua vez, parte da “ação salvadora” da moda, já que estão sendo proibidos e trocados por canudos de papelão ou metal. Vejo nisso a ação do sintoma na cultura: repetimos o erro substituindo-o por outra coisa, mas não solucionamos o problema.

Há ainda os pirolásticos, resultado da combustão do plástico com vários elementos, e estes acabam por se depositar nas praias, mimetizados aos pedregulhos. Portanto, travestido em todas as formas possíveis, o plástico é o novo manto planetário que se vai se costurando à medida que a civilização sucumbe. Até 2019, produzimos 8,3 bilhões de toneladas de

plástico; cerca de dez milhões estão no mar – boa parte, submersa. Outras estão nas margens dos continentes; e outras seguem arrastadas pelas correntes marítimas. Em janeiro de 2019, a pesquisadora Amaral-Zettler, do *Royal Netherlands Institute for Sea Research* e da Universidade de Amsterdã, navegou pelo Atlântico Sul para estudar os possíveis resíduos plásticos depositados nas profundezas, retirando, com uma equipe, amostras aleatórias de sedimentos. A quantidade de plástico encontrada foi muito maior do que se supunha, considerando-se que a vasta região submersa é de proporção astronômica. E já foram descobertos microplásticos nas regiões árticas e até mesmo em aquíferos (cf. PANNO *et al.*, 2019). Até 2050, estima-se que haverá mais microplásticos do que peixes, uma vez que, a cada minuto, é despejado nos oceanos o equivalente a um caminhão cheio de plásticos. A produção deste material tóxico duplica a cada década. A isso se soma nosso “desejo de reciclar” – atitude desse homem modesto que quer colaborar, mas que ignora que boa parte dos plásticos não é reciclável porque não há compatibilidade entre os diversos compostos que formam as embalagens, recipientes e objetos de nosso uso diário, em especial os descartáveis. Apenas 9% de todo o plástico já produzido conseguiu ser reciclado; o restante está entulhando nosso planeta e sendo enviado sobretudo a países pobres da África e do Sudeste Asiático. Os microplásticos dispersos nas águas atraem contaminantes perigosos que se aglutinam a eles. Posteriormente, são comidos por peixes pequenos, os quais são devorados por peixes grandes, e estes chegam às nossas mesas. Por isso é possível que estejamos comendo microplásticos quando preparamos pescados ou frutos do mar.

Em 2019, éramos 7,5 bilhões de pessoas. A Terra suportaria bem 1,5 bilhão de humanos carnívoros ou 10 bilhões de humanos vegetarianos. A produção de um hambúrguer de carne industrializado exige o gasto de 1.200 litros de água. Para que o planeta pudesse se recuperar parcialmente, cientistas estimam que a Terra deveria contar com não mais do que meio bilhão de seres humanos. Por isso têm surgido iniciativas como a do Movimento de Extinção Humana Voluntária (disponível em: [vhemt.org/pindex.htm](http://vhemt.org/pindex.htm), acesso em: 23 nov. 2021), a qual incentiva as pessoas a não procriarem mais para que o orbe, pouco a pouco, possa se revigorar.

Este texto traz um desassossego que reflete parte do cabedal de sintomas culturais e sintomas do sujeito que se manifestam no mal-estar contemporâneo. Chegamos a um ponto crítico, único e limite para o que chamamos de civilização. Em meio aos desajustes e desarranjos de todas as ordens, acreditamos ainda que temos tempo suficiente para algum

retorno, para uma recuperação bastante, para um reencaminhamento histórico. O que defendo como pesquisador é que, provavelmente, não. Tempo já não é uma “mercadoria” que nos sobra, para usar um termo caro ao neoliberalismo, e o reposicionamento que nós, humanos, necessitamos no planeta, tem de ser de uma ordem macro, e não apenas micro. Com isso não quero atribuir alguma possível atenuação do catastrofismo em que vivemos exclusivamente aos governos e às multinacionais, mas também a eles. Uma ação micro até pode afetar o universo macro, a exemplo de quando mudanças nos hábitos alimentares impulsionam uma empresa a incluir hambúrgueres vegetarianos ou veganos no rol de seus produtos. Todavia, a capacidade de afetação neste caso ainda é muito pequena em comparação com o montante da problemática planetária. Os consumidores podem decidir por não comprar produtos que tenham uma determinada embalagem ou composição. Devem pressionar governos e fabricantes, pois têm o poder de até mesmo incorrer à “desobediência” de não fazer o que a publicidade lhes ordena. Pensemos que 160 mil sacolas plásticas são consumidas por segundo no mundo.

O que chamo de uma ação micro muitas vezes funciona como atenuador da angústia no espectro de uma existência ou de alguns anos, mas, no escopo da Terra, ações macro é que poderiam ter mais força para atenuar um pouco o destino que aguarda a civilização e a nossa espécie. Quando se credita a modificação apenas às atitudes micro, corre-se o risco de se tentar apagar um incêndio com um copo d’água. Portanto, uma enorme sinergia entre diferentes partes é o que deveria haver.

## Antropocenas

*Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura* (MESSIAS, 2016) abre várias frentes de mirada e reflexão que ressoam em outros dois livros: *Será a condição humana uma monstruosidade?* (MESSIAS, 2019) e *Comunicação e Antropoceno: os desafios do humano* (MESSIAS, 2019). Estes últimos foram escritos durante parte de minhas investigações de pós-doutorado junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD/ PUC-SP), sob a supervisão de Lucia Santaella, e que contou com dois estágios científicos na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) por dois anos, e também com passagens pela *Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano* (ELP).

*Comunicação e Antropoceno* (MESSIAS, 2019b) desenvolve três pilares de teorização: o primeiro, ao qual denominei “Antropocenas”, diz respeito ao grande panorama do Antropoceno, essa nova era geológica (mas não apenas) que se abre à humanidade como um monstro praticamente impossível de ser domado. Emprego nessa parte uma perspectiva também antropológica, propondo introspecções sobre a origem da espécie humana e suas interferências no planeta.

O segundo pilar, o sujeito no Antropoceno, percorre questões pertinentes à conformação da subjetividade no século XXI e às características do mal-estar de nossa época, com ênfase na tópica do recuo da metáfora paterna, segundo a visão lacaniana, e nas marcantes irrupções de atos perversos mundo afora, estes cada vez mais ubíquos e midiáticos.

O terceiro bloco, antropotécnicas, transita pelas relações entre a tecnologia e o corpo, a exemplo da inserção crescente de robôs, da Inteligência Artificial e da ciborguização na vida comum. Tomo, neste momento, casuístas advindas da ficção para pensar o “admirável mundo novo” em que nos situamos. Nas considerações finais, apresento ideias sobre o Antropoceno como um ponto de não retorno para a civilização.

Minha linha investigativa semiótico-psicanalítica privilegia os aportes do universo artístico e mediático – com destaque aos filmes, às séries e às obras literárias – para o entendimento da cultura como um complexo cabedal sintomático disposto em redes, apresentando nós e meadas que pedem decifração.

Todas as partes do livro mencionado colidem com o Antropoceno, nossa pedra de tropeço. Se de um lado a crise do sujeito pode ser o prenúncio de uma nova ordem ontológica, de outro, parece impossível nos desvencilharmos totalmente do colossal catastrofismo de vasto prisma que nossa espécie ajudou a engendrar.

Em 2016, em frente à prefeitura de Barcelona, havia sido colocada uma faixa em inglês onde se lia “Bem-vindos, refugiados”. Aquilo fez com que eu me perguntasse quem de fato seriam os refugiados de nosso planeta e em que medida esse termo poderia ganhar expansão. Refugiados de onde e buscando o quê?

Na infância, me marcou a cena daquele filme em que Indiana Jones saía dos esgotos de Veneza exatamente por uma tampa de bueiro na Praça San Marco, ao redor de um elegante café. Pensar o Antropoceno me faz hoje recordar essa cena: como pesquisador, busco os subterrâneos da cultura, suas camadas que se sobrepõem, século a século, e que formam uma estratificação arqueológica de amplos sentidos. Não por acaso,

Veneza, há tempos, é uma das cidades marco do Antropoceno: tem alta densidade populacional e uma voraz exploração turística; está afundando em todos os aspectos.

No centro histórico de Barcelona, cuja estilização recente – datada do século XIX – engana o turista que acredita estar vendo por toda parte reminiscências bem preservadas da Idade Média, existe também uma praça: a Praça del Rei. Todos os dias, milhares de turistas se acercam daqueles estratos arqueológicos abertos à visita. São ruínas que fazem parte do Museu de História de Barcelona. Ao descermos por um elevador que funciona literalmente como um túnel do tempo até a parte inferior do museu para se apreciar ruelas romanas dez metros abaixo da superfície da atual cidade, perguntamo-nos para onde a civilização pode estar indo. É que as camadas que existem sob aquela praça, mais do que uma ordenação temporal de fatos, denunciam a inter-relação confusa e agonizante de diferentes demandas e orientações civilizacionais – estas, por sua vez, causadoras da destruição de espécies e ecossistemas, da modificação não planejada do relevo e da reconstrução de novas urbes sobre alicerces de povos derrotados. Aí, trata-se, também, do ato de se velar vestígios de extermínios.

Se “para onde estamos indo?” é uma indagação que abre espaço a muitas especulações, “de onde viemos?” também não apresenta respostas fáceis e rápidas: no caso específico da Catalunha, a boa documentação histórica costuma apontar, passo a passo, as camadas político-econômicas e culturais que se sobrepõem na cavalgadura dos séculos: de assentamentos pré-históricos ibéricos a vilarejos laietanos e à colonização romana, da invasão visigoda à ocupação muçulmana naquele canto da Península Ibérica, há sucessões de coroas entremeadas por guerras e genocídios.

“Destruir” e “ignorar”, verbos norteadores da pulsão de morte, sobrevivem clandestinamente na leitura entre linhas que se possa fazer de toda crônica heroica. Dessa perspectiva, os subterrâneos de Barcelona funcionam como ilustrativos das insistentes e bruscas alterações que nossa espécie, desde as organizações sociais mais rudimentares, tem provocado no planeta: a paisagem ao redor da pequena e latina Barcino, mitologicamente fundada por Hércules, foi, desde o século I a.C., pelo menos, impetuosamente lavrada, minerada, mineralizada, desflorestada, escavada, desbravada, pastoreada, incinerada, plantada, cultivada, bombardeada, carbonizada, industrializada e intolerada.

Isso se deu, de maneira mais ampla, em um espaço de 2.500 anos, tendo talvez um remoto ponto de partida há 25 mil anos, quando os pré-neandertais do Paleolítico Médio povoavam a costa oriental ibérica e interferiam no ecossistema local. Entretanto, as práticas agrícolas e pecuárias, inicialmente, a expansão urbana e comercial posterior e, por fim, a industrialização – esta última, em diversas fases que chegam até nossos dias – demarcam claramente o que chamo de “antropoviolações”, as quais vão servir, em breve futuro, como elementos estratigráficos do que se denomina hoje Antropoceno.

Ainda que não haja um consenso científico sobre quando o ser humano começou a modificar o mundo de maneira a causar alterações drásticas, sabe-se que suas interferências sempre foram muito significativas nos ecossistemas por onde passava a viver, mesmo quando não era ainda uma espécie dominante. Há cientistas que pontuam o Antropoceno surgindo no pós-Segunda Guerra. Outros o demarcam a partir dos despejos de gases pesados na atmosfera durante e após a Revolução Industrial, ou ainda com a radiação dispersa na atmosfera oriunda dos testes nucleares nos anos de 1960; e há os que recuam até mesmo ao Iluminismo, no século XVIII, e à época da invenção da máquina a vapor.

Existem estudiosos, entre os quais me incluo, que ainda estabelecem suposições para o aparecimento de preâmbulos do Antropoceno que remontam há 10 mil anos, com base nas “bem-sucedidas” sociedades agrárias e em seu impacto sobre o meio ambiente. Porém, de apenas agressões locais e regionais de antanho, agora o que se discute é que as interferências humanas assumem, mais e mais, uma amplitude planetária que desenha um horizonte pessimista e catastrófico.

### **Tanatopolíticas**

Daí, chego ao *Homo absortus*, aquele que não mais deambula ou flana carregado de profusas produções de sentidos, mas, pelo contrário, vaga (pelas telas, sobretudo) como se fosse um zumbi, este monstro que, conforme tenho afirmado, funciona como o paradigma do humano no século XXI. O sujeito do Antropoceno é quase sempre alguém que mal percebe as mutações cotidianas encarnadas em formas tecnocráticas que se colam a avanços tecnológicos. Um tal tecnocentrismo é interdependente de uma modalidade de controle social e individual que se fundamenta na tanatopolítica, essa derivada atroz da biopolítica (cf. subsídios sobre tanatopolítica em: FOUCAULT, 1979, 1987, 1999, 2008a, 2008b; AGAMBEN, 2002, 2004, 2007, 2008, 2009; ARENDT, 1989, 1994,

2004, 2010, 2017; LEVI, 2004). A tanatopolítica também tem a ver com algumas das expressões contemporâneas da alienação, como as *fake* e *deep news*, e com as bruxuleantes postagens em redes sociais que causam tanta instabilidade entre seus usuários.

Um parceiro negativo do tecnocentrismo é o tecnoterrorismo. Há bilhões de habitantes no planeta que permanecem desprovidos das benesses tecnológicas, e assim continuarão. Neste escopo, não seria uma forma de terrorismo escolher o outro como sendo desclassificado para o usufruto tecnológico? Corremos o risco de presenciarmos a civilização deslizar cada vez mais da jovem democracia para estados tecnocráticos ultracontroladores. Neste sentido, o medo se torna a moeda de troca a favor de uma sociedade mais aparelhada, acarretando implicações coletivas e gerais. Convivemos com diversas conjunturas fóbicas: o das invasões de refugiados, o da islamização das culturas ditas cristãs, o de uma nova “barbarização” do mundo “cultivado”, bem como a intolerância à pluralidade de manifestações de gêneros e de orientações sexuais. Mas o que deveria nos apavorar é a dissolução da liberdade de expressão perante a supremacia de estados totalitários que proliferam em todo o planeta.

O mundo pode ser entendido como sendo compartilhado por sujeitos resilientes e sujeitos redundantes. Aí, a tanatopolítica age com seu “fazer morrer” e “deixar morrer”. Os resilientes seriam os que se “adaptam”, os que correspondem ao sistema, os que aceitam suas regras e tentam ser condizentes com elas; os redundantes seriam os que se comprimem na superlotação dos espaços ante a falta de moradia, angustiados e estreitados ainda mais por vários tipos de opressão. Por um aspecto, estes últimos são nômades, excluídos, supérfluos e obsoletos para a sociedade, tentando sobreviver no submundo multiforme que se aloja abaixo da linha da pobreza.

Uma das facetas do tecnológico no Antropoceno é servir como métrica para nossa espécie (enfrentamos uma enorme crise de refugiados e, daqui e dali, surgem discursos fundamentados na eugenia mascarados pelo *savoir-faire* político e pela apologia a estados de exceção; em suma, seres humanos, para muitos, podem ser pragas e, como tal, devem ser controlados e até mesmo exterminados por um *Terminator* real). Outra faceta seria a de instrumento fundamental da era da globalização, iniciada, segundo alguns, com as grandes navegações e que agora atinge o ubíquo e o imediato, com vistas ao holográfico.

O tecnológico pode ainda atuar como demarcador para a condição humana (sem balizas para definirmos o que nos faz humanos, a tecnologia entra em jogo cada vez mais como Outro) e agir como ferramenta auxiliar da gestão de riscos e da indústria dos seguros (o que tem a ver com a capacidade de previsibilidade algorítmica do que de mais grave nos pode acontecer). Neste contexto, a tecnologia também se torna objeto de nossas fobias e paranoias (o medo de as máquinas inteligentes nos perseguirem, nos dominarem e nos eliminarem), uma vez que, do século XIX para cá, ela tem sido utilizada também como selecionadora dos que deveriam morrer (os refugiados, os loucos, os renegados, os proscritos, os portadores de anomalias, os deprimidos, os inadaptáveis, os indefinidos, os terminais, os comatosos, etc.). Afinal, a eugenia sempre caminhou *pari passu* com as antropotecnias.

Nesta abordagem, a tanatopolítica se rege pelo *morituri te salutant*, “os que vão morrer te saúdam”. Como afirmei, já existe uma boa parcela do globo excluída dos avanços tecnológicos. São populações que poderão não sobreviver para conhecer as possibilidades de uma vida confortável e longa, conforme preconizam os futurólogos entusiastas de um maquínico quase religioso. Não se trata aqui de fazer nenhum dualismo humano x tecnologia, mas de refletir sobre a realidade dos marginalizados, das culturas das bordas, dos guetos e dos povos excluídos ou isolados que lutam por manter o *status* de seres que podem e querem sobreviver. O mundo *sapiens* nunca foi para todos, e isso se torna ainda mais relevante no século atual, quando o *ethos* prediz mesclas de técnicas, *coaching*, exoterismos, frases feitas do politicamente correto e experiências radicais *border line* visando à busca da serenidade e do sucesso, palavras filosoficamente tão incompatíveis.

Nesse corpo que se imola todos os dias a favor da manutenção do gozo, incide também a busca pela juventude eterna, pelos músculos trabalhados, pelo cérebro melhorado, pelos genes adequados, pela memória garantida.

Entretanto, resilientes e redundantes quase sempre se encontram na trama da existência. O redundante tenta avançar saltando sobre os muros, entrando em balsas, atravessando desertos, se escondendo da polícia. Não tem papéis e, por isso, é desprovido dos direitos à saúde e à educação; para a lei, ele se situa numa zona cinérea, espécie de vale sombrio constituído por escombros, porões, esgotos, imóveis invadidos e periferias das cidades. Ainda que o resiliente não queira saber do redundante, ele existe por conta do segundo, e vice-versa; os dois são igualmente formas discursivas postas em circunvoluções infinitas, e estruturalmente se alinham sobre um mesmo topos. Como a formiga na fita de Moebius, passeiam por uma superfície que ludibria.

Quando Veneza inunda, os esgotos transbordam e realidades aparentemente isoladas se mesclam, revelando-se umas às outras. A maquiada cidade massificada e destruída todos os dias pelo turismo tem de conviver com o que recalca de si mesma: os séculos de estratificação antropogeológica. Minha metáfora é a de que o mundo civilizado de hoje se parece a uma Veneza sempre inundada em suas labirínticas passagens, cuja matéria do recalque boia na água suja. Somos um planeta-Veneza, ilhado em si mesmo, impossibilitado de se reproduzir em outros orbes em tempo útil para que a civilização prevaleça em demais sítios do universo.

As multifacetadas abordagens do livro *Comunicação e Antropoceno* (MESSIAS, 2019b), expuseram o quanto parece razoável pensar que o rascunho do Antropoceno tenha ocorrido nos primeiros “rabiscos” do alvorecer da linguagem simbólica, esta, por sua vez, a marca especial do *Homo sapiens* e sua agente nos seres e nas coisas. Obviamente, é enorme a lacuna temporal desde os primeiros gestos e grunhidos que tentaram significar um espaço de convivência e lutas para os nossos antepassados mais remotos até chegarmos à organização política das complexas cidades da Antiguidade. Nos poucos milênios que abrigam a breve história da civilização, as antropocenas foram ganhando espaço, volume e importância mediante sucessões de eventos correlacionados diretamente a esse ser do simbólico e da falta que, em condição gregária, construiu um modo de existência capaz de levá-lo até mesmo para fora do planeta. Por isso, desde as primeiras aglomerações sedentárias e suas práticas agropastoris, fomos deixando nossa “pegada”: inicialmente, uma delicada curva em ascensão na linha temporal de nossas interferências no planeta, até chegarmos a uma subida muito rápida e alarmante a partir da primeira Revolução Industrial. O que parece muito grave, hoje, é que o chamado Antropoceno está conformado em torno de um certo ponto de não retorno.

Outro aspecto a salientar é que a maioria das ideias oriundas do senso comum e da ciência em torno de “natureza” – uma das palavras mais evocadas nesta era de desastres ecológicos insistentes – não assegura um melhor entendimento do contemporâneo, tampouco colabora com soluções eficazes para os numerosos problemas dos quais temos de dar conta. Afinal, inexiste em definitivo um “dentro” e um “fora”: a “natureza” não está “lá”, à espera de que a resgatemos e salvemos, ou de que nos unamos a ela como se nos servisse de derradeiro refúgio – suposta instância independente da confusão das cidades e do caos das relações humanas. Na Terra, somos todos refugiados. Por isso associar o Antropoceno apenas aos males que os seres humanos causaram à “natureza” é demasiado simplificador.

Tampouco essa “natureza” deve ser vista como a entidade suprema e geradora da vida, a tão evocada Mãe-Natureza, espécie de Deusa esquecida a ser revisitada em rituais e pseudofilosofias. Ela não é sábia, nem boa, nem cruel, nem trágica. Não fala. Não contesta. Por isso, quando dizemos que a “natureza” está “respondendo” ao que a ela causamos, tal afirmação parece dizer que as catástrofes “naturais” são instrumentos de vingança do planeta contra nós. É todo o contrário: nós é que projetamos nossos desejos e frustrações nesse Outro que, por sua vez, está em nossa espécie e também ajuda a formar e conformar o que nomeamos “cultura”, o que delimitamos como “humano”.

Muitas religiões, por um lado, perderam força quanto ao transcendente; por outro, ganharam adeptos com base em um tipo de “teologia da imanência” que provoca apostas com um divino capaz de glorificar o fiel por meio do sucesso material em vida, em oposição, por exemplo, à visão medieval franciscana de uma existência modesta e em benefício do coletivo. Ao mesmo tempo em que textos sagrados têm uma aplicação literal, vemos que também são empregadas interpretações que beneficiam líderes religiosos e políticos – em suma, jogos de retórica e oratória que tendem ao que é mais adequado a cada momento.

### **No mesmo barco, mas em camarotes diferentes**

O mundo dos humanos zumbificados pelo consumismo e pelo neoliberalismo ressoa um reino de não ressurretos sem expectativas de futuro regozijante. Ainda que nações, governos e classes sociais queiram estabelecer divisões, fronteiras e muros, não é possível separar o mundo entre os “iguais a mim” e os “outros”. O hibridismo, em todos os aspectos, é marca indelével do humano. Porém, sequer temos ideia do panorama de violência, miséria, fome, degradação e abandono que flagela muitas das culturas subdesenvolvidas e escravizadas em nosso planeta. E ser co-partícipe, neste caso, implica ser corresponsável: cada balsa de imigrantes que vira no mar Mediterrâneo e leva embora a vida de refugiados também diz respeito à nossa postura neste mundo que ajudamos a criar, dia após dia. Diz respeito a mim e a você.

Continuaremos a acreditar que “salvaremos o planeta” trocando as sacolinhas de plástico dos supermercados pelas de papel ou de tecido? Mas quem produziu aquele tecido? Uma parcela dos moradores do Bangladesh ou da Índia que ganham centavos por dia em formas de trabalho já denunciadas como escravistas? E existe tempo útil para começarmos a

trocar sacolas plásticas por bolsas de pano? Há alguns anos, um projeto espanhol de melhoria ambiental foi levado para o Marrocos: o objetivo era fazer com que as pessoas daquele país, até então o maior consumidor de sacos plásticos do mundo, aprendessem práticas de reciclagem. Porém os próprios agentes educacionais concluíram muito rapidamente que, em vez de se falar em reciclar, era preciso colocar lixeiras nas ruas e nas casas. Naquele momento, entendeu-se que, muito antes de se chegar com uma boa intenção, era preciso olhar para as necessidades básicas de populações enormes que viviam em condição sub-humana. Em várias cidades de nosso país, o hábito de se reciclar está a passos lentos; porém, e de maneira mais agravante, temos milhões de habitantes que sequer dispõem do que comer, do que vestir e de onde se abrigar. O que se nos avizinha, portanto, são tarefas que exigem esforços multidirecionados e de magna amplitude.

Os índices de pobreza aumentam avassaladoramente na América Latina. Por isso, um dos desafios que o Antropoceno nos impõe é alterarmos esse olhar que mira o mundo afetado pelo *savoir vivre* da classe média ocidental, o que nos faz crer que todos estão nas mesmas condições de mudanças. Em meio aos desníveis que demarcam as formas de ser e viver no planeta, há os que intencionam passar os anos de aposentadoria em um recôndito casebre próximo à “natureza virgem” e “intocada”, longe do turbilhão das máquinas, à maneira dos românticos saudosistas ou, até mesmo, de certa “mística da natureza”, esta, por sua vez, tão cara às ideologias dos estados totalitários do século XX.

O fim do mundo, entretanto, vem sendo antegozado há milênios. A partir do século passado, por exemplo, pode-se dizer que isso se deu durante a Primeira e Segunda Guerras; depois, na Guerra Fria, ante a ameaça nuclear, e, igualmente, na chegada do ano 2000. Diversos momentos de tensão extrema têm sido registrados pelo “relógio do Juízo Final”, o *Doomsday clock*, mantido desde 1947 na Universidade de Chicago. Em 2018, as ameaças trocadas entre a Coreia do Norte e os Estados Unidos fizeram com que os ponteiros estivessem muitíssimo próximos da fatal meia-noite, quando as probabilidades e as estatísticas nos levaram para bem perto de um desfecho trágico.

Até agora, não adiantou correr para os montes, viver de luz, passar o dia todo nas academias, abandonar o urbano para embrenhar-se na selva ou fazer pistas de pouso para receber naves espaciais oriundas de mundos mais evoluídos. Nos canais de TV a cabo, que se aproveitam de nosso enfado com a “civilização”, pululam programas com uma mesma fórmula:

apresentar pessoas vivendo em meio à “natureza selvagem” e desafiadora ou, então, exaltando um estilo rústico de vida, ainda que penoso, no qual o participante corta lenha, planta batatas e cria galinhas, preparando-se para um inverno rigoroso no Alasca ou nas Montanhas Rochosas.

Entre o delírio e a patafísica, vivemos em meio aos rótulos do “sustentável”, do “reciclado”, do “ecológico”, do “amigo do ambiente”, do “eco-friendly”, do “slow fashion”, do “handmade”, do “corpo saudável”, do “no pain, no gain”, do “marketing verde”, do “alimento orgânico”, da “energia solar”, etc. – por trás dos quais existem poderosas indústrias.

Em certo aspecto, essa ânsia por denominações “bem-comportadas” reiteram o frenesi em que nos movemos na busca por soluções imediatas para o extremo mal-estar contemporâneo. E como é impossível acompanharmos todos os impactos negativos que causamos com nossas ações, deixamo-nos convencer pelas informações de uma embalagem biodegradável, pois isso parece amenizar o que chamo de “nossa ingênua culpa”. Afinal, não fomos nós que saímos com foices, motosserras e tratores para desmatar as florestas ou que lançamos toneladas de óleo no mar: antes, defendemos a criação de parques e reservas que possam proteger as espécies da fauna e da flora.

Mas, protegê-las contra quem, aliás? Contra nós mesmos.

Nomear o Antropoceno é, por isso, apenas um primeiro momento. Um segundo, bastante difícil, é mensurá-lo. E, o mais desafiador, é o que se fazer com ele, uma vez que, em sua base está a aceleração paulatina de todas as formas de consumismo, devoração e extermínio que nossa espécie foi capaz de encontrar e engendrar, sobretudo nas últimas décadas.

Por exemplo: o melhor a se fazer em benefício do “meio ambiente” – outra dessas expressões polivalentes – seria “consumir menos”. Mas o que se deveria fazer de fato é do plano do titânico: teríamos de consumir infinitamente menos, em todos os aspectos, e não será apenas comprando roupas em brechós, reciclando garrafas de vidro ou fazendo artesanato com garrafas PET que conseguiremos isso. Os esforços para se “desacelerar” ao menos um pouco o planeta – para usar outro verbo da moda – teriam de ser também de alçadas colossais, intercontinentais, multiempresariais e sincronizadas, tamanha a urgência do que há por ser socorrido e amenizado.

Porém a cultura de nossa época, por um lado, não aceita a castração e, por outro, não permite a manifestação do acaso: protegemo-nos o tempo todo com planos de saúde e com seguros os mais estapafúrdios que a cada dia nos são oferecidos por algum corretor. Nem por isso deixamos

de ser hipocondríacos e paranoicos. Os que possuem condição econômica suficiente têm ao redor de si grades, guaritas, redes de videovigilância – em suma, são prisioneiros em suas próprias casas. Nossos aparatos de internet sabem muito mais sobre nossas vidas do que imaginamos, pois alimentamos incessantemente empresas que coletam nossas informações para estabelecerem bancos de dados a respeito de nossas preferências e tendências, nossos horários e nossos ritmos, enfim, nossas formas de gozo e nosso mal-estar no mundo. E ganham bilhões em dinheiro com isso. O burburinho, bastante fantasmagórico por sinal, desses últimos tempos, é o de que os celulares estão a ouvir e retransmitir para empresas de coletas de dados tudo o que falamos na intimidade de nossas vidas domésticas. De acordo com *Comunicação e Antropoceno* (MESSIAS, 2019b), o Antropoceno está “tatuado” no “corpo falante” que, por sua vez, tem sido, há milênios, nosso instrumento de expressão e de intervenção no planeta.

Entre outras coisas, o Antropoceno é o preço que os modestos e os comedidos vêm pagando, há séculos, juntamente por conta de suas discretas e inconsistentes reivindicações, consequência do comodismo e da conveniência. Em resumo, deixamo-nos desconduzir em um longo percurso marcado por desacertos que desaguam nos caudalosos neocapitalismo e ultraliberalismo, pináculos da desresponsabilização do sujeito.

Um delicado alento, entretanto, é pensar que, se o ponto de não retorno do Antropoceno implica uma inevitabilidade, por outro, convida esses seres “ingenuamente culpados” a uma postura definitiva de responsabilização – e não de moralismo – perante o mundo e todas as suas criaturas, objetos, ideias e formas.

As pessoas morrem. Quantas civilizações já se foram?

O risco de um mundo globalizado era justo esse: que a grande aldeia planetária se consumisse em sua própria voracidade narcísica. Se a população global de fato chegar a 9,6 bilhões de habitantes em 2050, serão necessários quase três planetas Terra para proporcionar recursos naturais para se manter o atual estilo de vida da humanidade, segundo dados do Banco Mundial.

Agora, portanto, somos uma única civilização acampada sobre a epiderme de um planeta que, malgrado o que lhe causamos, permanecerá.

O Antropoceno chega conosco. Devido a nós.

E o mais impactante é que ele continuará.

Mas sem a gente.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer I. O poder soberano e a vida nua*. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Homo sacer II, 1. Estado de exceção*. Tradução: Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Homo sacer III. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução: Daniel Arruda Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Profanações*. Tradução: Selvino J. Assmann São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Tradução: Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.
- ANDRADE, Carlos Drummond. O fim das coisas. In: SILVA, Maria do Carmo Costa (org.). *O fim das coisas*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Cultura, 1995.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a violência*. Tradução: André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Responsabilidade e julgamento*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A condição humana*. Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Eichmann en Jerusalén*. Traducción: Carlos Ribalta. Barcelona: Lumen, 2017.
- CORCORAN, P. L. *et al.* An anthropogenic marker horizon in the future rock record. *GSA Today*, Boulder, CO, v. 24, n. 6, p. 4-8, 2015.
- CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- CRUTZEN, Paul; SCHWÄGERL, Christian. *The Anthropocene: The human era and how it shapes our planet*. Santa Fe: Synergetic Press, 2018.
- DAVIES, Jeremy. *The birth of the Anthropocene*. San Francisco, CA: University of California Press, 2019.

DUNLAP, C. E. *et al.* A synthesis of lead isotopes in two millennia of European air. *Earth and Planetary Science Letters*, Amsterdam, vol. 167, p. 81-88, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramalheira Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Tradução: Eduardo Brandão São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

LACAN, Jacques. *Estou falando com as paredes*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução: Luis Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MESSIAS, Adriano. *Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2016.

\_\_\_\_\_. *Será a condição humana uma monstruosidade?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019a.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e Antropoceno: os desafios do humano*. São Paulo: Educ, 2019b.

PANNO, Samuel *et al.* Microplastic Contamination in Karst Groundwater Systems. Em: *Groundwater*, v. 57, n. 2, mar./abr. 2019, p. 189-196. Disponível em: [ngwa.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/gwat.12862](https://ngwa.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/gwat.12862). Acesso em: 4 nov. 2019.

RAPLEY, Chris; MACMILLAN, Duncan. 2º. Tradução: Elisabeth Liebl. München: Droemer, 2015.

REES, Martin. *Hora final: Alerta de um cientista. O desastre ambiental ameaça o futuro da humanidade*. Tradução: Maria Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *On the future. Prospects for humanity*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2018.

RUDDIMAN, William F.; THOMSON, J.S. The case for human causes of increased atmospheric CH<sub>4</sub> over the last 5000 years. *Quaternary Science Reviews*, v. 20, p. 1769-1777 (2001).

STENGERS, Isabelle. *En tiempos de catástrofes: cómo resistir a la barbarie que viene*. Traducción: Víctor Goldstein. Barcelona: NED, 2013.

WALLACE-WELLS, David. *A terra inabitável: uma história do futuro*. Tradução: Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ZALASIEWICZ, Jan. *The Earth after us: What legacy will humans leave in the rocks?* Oxford: Oxford University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. *The planet in a pebble: A journey into Earth's deep history*. Oxford: Oxford University Press, 2012.